

PENSAR LACORDAIRE A PARTIR DE PORTUGAL:  
A PROPÓSITO DE UM COLÓQUIO REALIZADO EM LISBOA,  
DE 2 A 5 DE MAIO DE 2003

ANTÓNIO MATOS FERREIRA \*

O Instituto de São Tomás de Aquino da Província Dominicana de Portugal e o Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa promoveram em colaboração o colóquio sobre *Lacordaire e a questão religiosa em Portugal*, de 2 a 5 de Maio de 2003, em Lisboa. Com várias intervenções incidindo sobre a realidade portuguesa, contou com a presença e a reflexão de Guy Bedouelle sobre a época e o percurso intelectual e espiritual de Henri Dominique Lacordaire (1802-1861).

A questão religiosa no quadro do liberalismo português e o paralelismo com as posições e as iniciativas de Lacordaire ofereceu o enquadramento de partida deste colóquio, objecto da primeira intervenção. Manuel Clemente, da Universidade Católica Portuguesa, sublinhou a coincidência entre diversos aspectos da problemática católica em Portugal e em França, no rescaldo das grandes mutações religiosas provocadas pela Revolução Francesa, onde se dirimia a relação entre cristianismo, liberdade e verdade; aspectos colocados a partir das alterações políticas, mas com incidências relevantes, do ponto de vista interno, à vivência religiosa. Partindo da distinção entre as posições da hierarquia da Igreja e a atitude mental e cultural, por parte dos católicos, assinalou a importância nesta época do debate em torno do lugar da religião e da Igreja Católica na sociedade. Com base na correspondência entre Lacordaire e Montalembert, foram analisados alguns elementos constitutivos desse ambiente cultural católico, nomeadamente a importância do critério de utilidade em matéria de actuação religiosa – da possibilidade, da circunstância e da oportunidade –, pautando o sentido da organização e da participação dos católicos num quadro sócio-político diverso daquele que durante

---

\* Docente na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro do Centro de Estudos de História Religiosa.

séculos caracterizara a sociedade de cristandade. Politicamente os católicos apresentavam-se fracturados, pois diversas sensibilidades políticas os atravessavam, nomeadamente decorrentes do confronto entre legitimismo e liberalismo. Nessas circunstâncias, buscavam-se novas formas de organização e de intervenção que permitissem aos católicos retomar a iniciativa pública, nomeadamente capacitada para sintonizar com a nova ordem social e cultural desencadeada pelas transformações políticas. O projecto de constituição de uma Associação Católica para apoiar os católicos em França e na Bélgica, a hipótese da formação de um partido católico ou a concretização da Associação da Propaganda da Fé, tiveram eco em Portugal. Considerando esses diferentes ambientes nacionais, estas iniciativas, mesmo se de forma mais mitigada no caso português, apontam, para um conjunto de aspectos comuns: reafirmar o lugar do catolicismo em face do liberalismo radical; fazê-lo sem retomar a anterior tradição da aliança trono-altar; utilizar os meios próprios do tempo, nomeadamente os jornais; potenciar um apostolado largamente laical.

Foi a partir deste contexto que a evolução da personalidade de Lacordaire foi apreciada, objecto da explanação de Guy Bedouelle, da Universidade de Fribourg (Suíça), que destacou o carácter minoritário para a época do esforço em compatibilizar cristianismo e liberalismo. Nascido num período em que o regime concordatário estabelecia e condicionava a recomposição da Igreja francesa depois da revolução, Lacordaire foi simultaneamente marcado por um ambiente romântico que, de certo modo, fez o contraponto a uma formação escolar que contribuía para relativizar ou destruir a sua religião de infância. Contudo, através de uma progressiva simpatia pela Igreja, um reconhecimento de Deus e o retorno ao significado do seu baptismo, Lacordaire retomou a sua experiência religiosa, levando-o ao seminário que lhe permite descobrir a vocação da pregação e reivindicar um melhor ensino da fé. Ordenado em 1827, foi nesse momento que, reconhecido pelo círculo de Lamennais, passou a colaborar num programa de intervenção pública, destacando-se a sua intensa colaboração pelo que escreve, a partir de 1830, no jornal *L'Avenir*, onde acaba por assumir e desenvolver a reivindicação da liberdade de ensino e as teses em torno da separação da Igreja e do Estado. Esse encontro com o catolicismo liberal foi relevante para o seu percurso, contudo as dificuldades perante a autoridade eclesiástica, conduziram-no a outros caminhos, marcados pela descoberta que realiza em torno do poder da sua palavra e da decisão em restabelecer a Ordem Dominicana. Nesta apresentação foram assim sublinhadas duas das suas facetas principais: a de pregador e a de restaurador da vida consagrada. Qualquer um destes aspectos levaram-no a encontrar na opinião pública um factor importante para sustentar a oportunidade das suas intervenções, significando também uma certa forma de propagação de ideias, como que uma actividade de pregação através da imprensa.

Através deste percurso, analisaram-se os contornos do seu pensamento teológico, destacando-se na sua base duas atitudes: o seu ultramontanismo, pela valorização que fazia da função do Papa na explicitação da própria liberdade da Igreja,

e a centralidade que conferia à liberdade de consciência. Globalmente a sua teologia caracterizava-se: pelo primado da consciência, expressa em liberdades concretas, e enquanto fundamento da liberdade cristã; pela importância da Palavra de Deus, isto é, uma palavra profética e evangélica pregada, donde decorria a relevância do seu desempenho de pregador; e por uma apologética sobre a Igreja que valorizava a fraqueza ou fragilidade desta em face da sociedade, como que uma «douta ignorância» que, numa perspectiva fortemente romântica, encarava a Igreja como corpo social marcada pelo paradoxo da sua condição, povoada de contradições e tensões, o que, no fundo, permitia evidenciar a grandeza de Deus e da sua iniciativa. Tratava-se, assim, de uma apologética de recristianização, trabalhada por um romantismo optimista, onde a pregação era encarada como a proclamação chave que respondia à procura da felicidade.

Efectivamente, a Igreja Católica na primeira metade do século XIX viveu pautada por um confronto entre cristianismo e liberalismo que, tendo uma dimensão religiosa, englobava o todo social. Zília Osório de Castro, da Universidade Nova de Lisboa, apresentou esta problemática no quadro amplo da secularização e da laicização da sociedade portuguesa, patenteado através do pensamento político liberal em face da religião. Considerando que a passagem do Antigo Regime para a sociedade liberal correspondeu à passagem da percepção da religião como salvação para a visão da religião como realização social, sublinhou também que o Estado e a Igreja, não sendo realidades uniformes, mantiveram situações de crise e de conflito que configuraram este processo de secularização. Atendendo à problemática do conceito do poder político preconizado pelas correntes do liberalismo, e considerando os princípios pelos quais se devia obedecer e exercer o poder, destacou a importância que teve a reflexão do liberalismo acerca do cristianismo. Se a função da religião mudara, o lugar desta mantivera-se: o primeiro liberalismo português não atacara directamente a religião, mas o seu uso. De acordo com as teses do jusnaturalismo, a religião era uma imposição ao homem porque própria da sua natureza e o ateísmo era considerado como anti-natural; mas, por outro lado, combatia-se sim a superstição, o fanatismo, o próprio indiferentismo, a influência e as consequências dos dogmas na sociedade, e realçava-se um cristianismo purificado pela razão para pôr termo a esse mau uso social da religião. Neste desiderato estabelecia-se, afinal, uma distinção entre o privado e o público quanto à prática religiosa, pois a crítica ao mau uso da religião não diminuía a centralidade desta na sua função moral, fonte da lei justa e legítima. Gerava-se, assim, um quadro de laicização, enquanto distinção de esferas, onde o político autonomizando-se do religioso, apesar de persistir uma complementaridade sem substituição.

Considerada a realidade católica portuguesa em face das mutações ocorridas com a implantação do liberalismo – onde o debate sobre o estatuto social da religião e da Igreja galvanizou, em décadas sucessivas, o combate político-religioso marcado pela guerra civil (1832-1834) e por um «cisma» de legitimidade eclesial (1834-1843) –, a personalidade de Lacordaire foi apreciada pela sua proximidade

com o processo de reelaboração e recomposição do catolicismo português oitocentista. Três níveis de repercussão e influência, mais ou menos directa, foram considerados: a influência no campo da apologética, a perspectiva de restauração das ordens religiosas e a valorização da dimensão activa e social da intervenção católica.

Escalpelizada, por João Marques, da Universidade do Porto, a importância da dimensão apologética do catolicismo oitocentista, foi sublinhada a relevância do paradigma de Lacordaire e das suas conferências de Notre-Dame. Constituindo uma referência para a oratória quer pela temática, quer pela atitude do pregador, insistiu-se na importância desta pregação não só dirigida às missões populares internas, mas voltada para um público jovem, urbano e atravessado intelectual e espiritualmente por uma atitude de interrogação. A pregação encontrara um outro patamar de exigência de explicitação da mensagem cristã, colocando também novos desafios ao modo como o clero desempenhava as suas funções.

Esta dimensão de renovação do catolicismo, aparecia associada a uma outra dimensão respeitante à reivindicação da necessidade de serem restauradas as Ordens religiosas em Portugal, defendidas, não só como necessárias à Igreja, mas úteis ao próprio Estado pelas funções sociais e espirituais que desempenhariam. No interior desta argumentação, Luís Machado de Abreu, da Universidade de Aveiro, explicou como se estabeleceu no século XIX uma apologia das Ordens religiosas, na qual se sentia a influência da experiência de Lacordaire como aquele que, baptizando o romantismo, demonstrara a relação entre a reivindicação da liberdade religiosa – expressa na reinstauração da vida religiosa consagrada – e os limites do horizonte da própria liberdade em face dos quais os votos de consagração conduziam à vivência adequada da liberdade, como que expressando o reconhecimento de que «a liberdade em si oprime e a lei liberta».

Neste quadro foi tratada a restauração dominicana em Portugal, em particular através da acção de Teresa de Saldanha (1838-1916) fundadora da Congregação da Irmãs de Santa Catarina de Sena. Nesta apresentação, feita por Rita Nicolau, dominicana e historiadora desta figura, destacou-se o conhecimento indirecto que Teresa Saldanha teve da acção de Lacordaire em França, não só em termos de reinstalação da Ordem Dominicana, mas das suas preocupações em torno da juventude e da proximidade com sectores que conduziram católicos a uma concepção do seu empenhamento religioso articulado com a dimensão social.

A pregação da Palavra de Deus e a restauração da vida religiosa consagrada são duas dimensões que corresponderam à necessidade de conciliar liberalismo e cristianismo através da organicidade católica. Esta aproximação foi explana por António Matos Ferreira, da Universidade Católica Portuguesa, sublinhando que esta percepção do liberalismo não se apresentava como fórmula protestante, mas como uma possibilidade de autenticidade cristã (evangélica), onde se articulava a liberdade religiosa e valorização do congreganismo como expressão desta. Sublinhou que, em torno de Lacordaire, havia uma memória referenciada à sua actividade de colaborador de *L'Avenir* e impulsor de *L'Ére Nouvelle* (1848).

Destacou ainda que a geração de *L'Avenir* coincidiu em Portugal com um cristianismo romântico proto-socializante, e que em torno de *Les paroles d'un croyant* (1834) de Lamennais, tinha sobretudo uma referência de resistência à intransigência pontifícia, percebida na reacção à doutrina expandida pela encíclica *Mirari vos* (1832), como pode ser ilustrado pelas posições do jovem Casal Ribeiro ou no socialismo evangélico de Lopes de Mendonça, entre outros. Contudo, na passagem da geração de 48 para a de 70, novas questões se colocaram: isto é, a tentativa de compatibilizar programas que se opunham e concorriam entre si – o liberalismo e o cristianismo –, agora diante de novas correntes de luta e reivindicação sócio-política, marcados pelo socialismo. Pode apreciar-se este processo como passagem de um cristianismo romântico para um cristianismo social (do Cristo pobre ao Cristo trabalhador / operário; do cristianismo como espírito regenerador para um cristianismo de espírito revolucionário capaz de esvaziar a violência revolucionária e descristianizadora). Em torno da formulação do catolicismo, verificava-se, assim, uma passagem de uma posição anteriormente pensada como intransigência ou transigência, para uma outra como programa de auto-suficiência e de restauração, centrada na união dos católicos e na questão social como lugar onde se afirmava a pertinência da religião e da Igreja (o que conduziria à *Rerum Novarum*): os chamados católicos sociais.

A reformulação católica no seio da sociedade liberal afirmou-se pela reivindicação de uma organicidade – de um corpo espiritual – presente e tecendo a organicidade da própria sociedade. O «futuro» e a «era nova» – títulos sugestivos de dois jornais onde Lacordaire interviera –, serão evocados no interior da memória deste catolicismo social português, associado e entendido como concretização profético-evangélica do cumprimento de democracia social e de justiça social. Esta organicidade católica tinha dois principais eixos: a apologética como atitude, como «combate» – não se trata somente da pregação, mas da articulação entre pensamento e doutrina católica e opinião pública; e a acção como apologética, importância do agir como uma percepção «militante» do estar presente na sociedade. Estes dois elementos constituíram efectivamente um modo de ser católico que, sendo inicialmente minoritário, se tornou um paradigma para o catolicismo em geral durante a primeira metade do século XX até ao II Concílio do Vaticano.

Aspectos da obra escrita de Lacordaire foram também objecto de análise neste colóquio: a divulgação e as traduções das suas obras em Portugal. Leituras do pensamento lacordairiano no quadro da análise da apologética católica e da hermenêutica contemporânea, permitem estabelecer alguns filões da presença, directa ou indirecta, de Lacordaire no catolicismo português, não só como passado, mas através da actualidade do seu pensamento.

O seu *Testamento* foi analisado por José Augusto Mourão, dominicano e professor de semiótica na Universidade Nova de Lisboa, que, referindo ter sido o século XIX o século dos testamentos, ressaltou o conflito de interpretações que este tipo de testemunho suscita do ponto de vista hermenêutico. Contudo, afirmou ser patente nele um como que onipotente desejo de liberdade, expresso através

da busca de uma palavra nova, onde o homem era compreendido como carne habitada pela palavra, manifestando sentido de oportunidade, de conveniência e de abertura.

*A Vida de S. Domingos*, cuja tradução portuguesa é de 1907, foi apresentada por Francisco Martins de Carvalho, dominicano, tendo destacado a preocupação de Lacordaire em dirimir, nesta obra, dois temas colados à tradição sobre a figura de São Domingos: a Inquisição e a guerra contra os albigenses. A abordagem destes pontos evidenciavam a vontade de Lacordaire em se distanciar dessa herança, pela afirmação de uma tradição dominicana assente na sua base de participação – democrática – e de uma acção valorativa da pregação, isto é, da persuasão da consciência pela exposição da verdade.

Esta iniciativa académica em torno de Henri-Dominique Lacordaire, concluiu-se com uma intervenção de Guy Bedouelle contextualizando os principais traços desta figura do catolicismo francês no ambiente cultural do seu tempo, sublinhando que fora um homem público, desde 1830 até à sua morte, sucessivamente como padre, jornalista, pregador, deputado e académico. Assim, de Lacordaire, pode-se considerar que teve a graça de compreender o seu tempo dentro do filão de um romantismo cristão à Chateaubriand e de um catolicismo liberal à Lamennais, procurando contrariar a indiferença pela defesa da religião e da Igreja. Foi capaz de ter reconhecido a profunda aspiração do seu tempo à liberdade, com a vontade de federar todas as opiniões, para além das fracturas políticas, desenvolvendo uma teologia da liberdade em contraponto ao que se pode considerar ser as caricaturas do «falso liberalismo». Não só compreendia a importância da opinião pública como, através da imprensa e da pregação, contribuiu para a propagação de ideias em torno da possibilidade de se compatibilizar cristianismo e liberdade. O facto de ter dado importância à formação da juventude, à formação de elites onde, por um lado, se jogava a democracia política e, por outro, através das quais se desempenhava o papel da própria Igreja na sociedade. Determinado em restaurar a Ordem Dominicana fê-lo, distanciando-se da tradição da Inquisição, apontando a base democrática da sua constituição. E, ao defender a independência da Igreja e da liberdade religiosa fê-lo considerando também os outros para além de um sentido restrito de confessionalidade. Não tendo sido propriamente um ideólogo, foi sobretudo um apaixonado pela realidade do seu tempo, pela liberdade e pela verdade da religião cristã.

Neste colóquio, considerando a reflexão produzida e a sua contextualização portuguesa, foram estabelecidas perspectivas de investigação futura que Paulo F. de Oliveira Fontes, da Universidade Católica Portuguesa, sintetizou em torno alguns aspectos temáticos mais salientes: a permanência e a contemporaneidade da liberdade como construção individual e social, a liberdade de consciência em face da verdade religiosa e respectiva afirmação social; a passagem de uma sociedade marcada pela crença a uma sociedade marcada pela opinião pública; e a pluralidade como factor estruturador da realidade contemporânea do catolicismo. Sublinhou-se a autonomia da sociedade em se dizer a si própria em relação à verdade e aos

fundamentos que a constituem, entendida como processo de secularização; processo que ocorre, em simultâneo, no interior das vivências religiosas e respectivos universos teológicos. Se Lacordaire pertenceu a uma geração do catolicismo francês, ainda que de certo ponto de vista minoritária, semelhante questão se coloca para a análise de outros protagonistas católicos, que importa situar na complexidade do catolicismo latino na época e da sua evolução. A relação de Lacordaire com outras figuras como Lamennais, Ozanam ou Montalembert, aponta para alguns traços comuns como a autonomização da causa religiosa em simultâneo com o processo de secularização; a percepção de que em face do liberalismo, para diversas personalidades e ambientes católicos mais do que um antagonismo ocorreu o facto de que «ao ser-se liberal encontrou-se o cristianismo»; a importância de um associativismo católico que, partindo das questões religiosas, permitiu enquadrar novas sociabilidades, apontando para as origens do laicado contemporâneo e, conseqüentemente, para novo tipo de movimentos eclesiais. Daqui resulta a emergência de uma nova percepção eclesiológica, mesmo se atempadamente, confrontada com os seus limites; tal emergência correspondeu a um longo percurso, permitindo largamente ser superada uma posição intransigente do catolicismo em face da modernidade, pela valorização de uma perspectiva de participação e de integração. Por outro lado, a reivindicação da liberdade da Igreja em torno do ensino livre e das congregações religiosas, aponta para a valorização de novos modos do catolicismo se articular organicamente com a sociedade moderna. Pela insistente temática da restauração das ordens religiosas no século XIX, assinalou-se também o interesse do estudo da constituição e implementação das congregações masculinas e femininas, não só do ponto de vista do estudo da história religiosa, mas, e muito particularmente, como contributo para uma releitura da história social do país. A percepção social da religião a partir da sua utilidade conferiu centralidade à acção, não só como atitude filosófica, mas como forma de caracterizar a natureza dos movimentos apostólicos a partir do século XIX. Foi, ainda, destacado que o estudo do lugar e do papel da religião na sociedade contemporânea, na qual a opinião pública se imbrica, implica o conhecimento de como se estabelecem a destrinça e a tensão existentes entre privado e público, uma das questões centrais da diferenciação mental e prática que a modernidade coloca.